

**Ciclo discute
a questão cultural
em 68. Pág. 4**

porã duba

Jornal da PUC-SP - nº 141 - 22/06/88

E stá decidido: a ponderação dos votos de professores, alunos e funcionários será paritária. Esta decisão foi tomada pelo Conselho Universitário, em reunião extraordinária, realizada na quarta-feira (15), que definiu as normas das eleições que apontarão o nome do futuro Reitor.

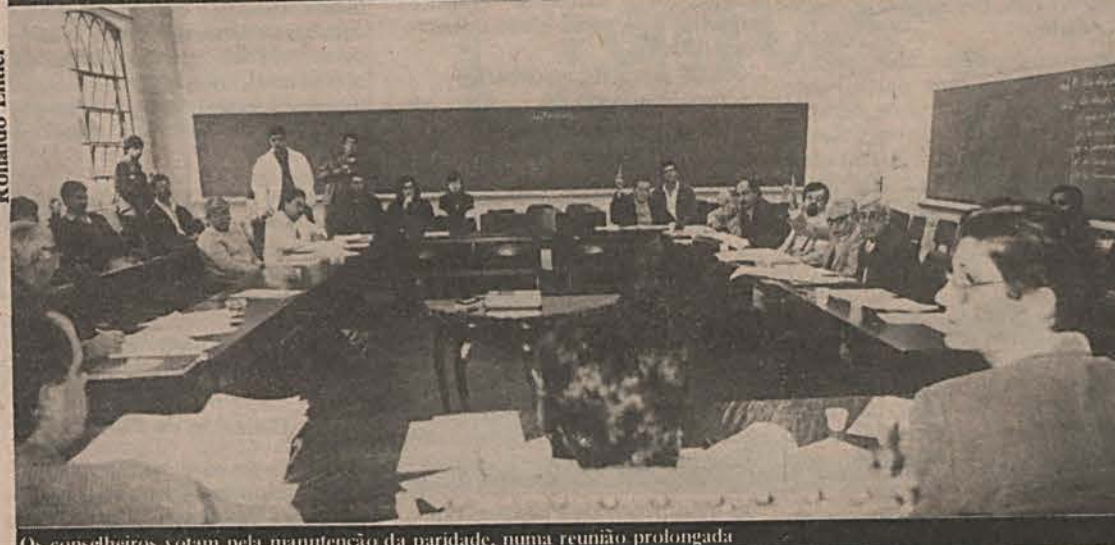
Apesar da importância do tema, apenas oito conselheiros, além dos três vice-reitores, compareceram à reunião. A deliberação aprovada, que irá reger todo o processo eleitoral, apresenta algumas novidades em relação à deliberação 97/84, que regeu a última eleição para Reitor, em 1984. As eleições deverão ser realizadas nos dias 28 e 29 de setembro, nos três campi (Marquês de Paranaguá, Monte Alegre e Sorocaba) e no Deric. Ficou definido que não será apresentada lista de nomes ao Grão-Chanceler, mas sim, a ata do resultado das eleições, o que deverá ser feito no dia três de outubro.

Quem vota

O colégio eleitoral será formado por todo professor que estiver no exercício efetivo de suas atividades e mantenha contrato por tempo indeterminado com a universidade; todo funcionário do quadro permanente que estiver no exercício de suas atividades; e todo aluno regularmente matriculado nos cursos de graduação, inclusive licenciatura e programas de pós-graduação. Todos deverão estar com a situação regularizada com a universidade até o dia 15 de agosto. Os médicos residentes, que na última eleição tiveram direito a voto, nesta não poderão votar. Isto porque os conselheiros consideraram que eles não mantêm com a universidade nenhum vínculo acadêmico, nem funcional, apenas prestam serviço.

Cada eleitor só poderá votar uma única vez. Caso ele pertença a mais de um segmento da universidade (exemplo: aluno e funcionário), se-

Consun decide pela paridade a cada segmento



Os conselheiros votam pela manutenção da paridade, numa reunião prolongada

rá incluído no primeiro segmento em que estiver integrado, segundo a ordem professor-funcionário-aluno. Para validade das eleições, deverão votar pelo menos 50% mais um do colégio eleitoral, de no mínimo dois segmentos. Assim, se dois segmentos (ex.: alunos e funcionários) não atingirem esse percentual, as eleições terão que ser anuladas.

Prévia

A Comissão Eleitoral definirá a data da consulta prévia que irá indicar os nomes dos candidatos à Reitoria. Esses nomes sairão de uma lista apresentada à comunidade e que será elaborada pela Coordenadoria de Recursos Humanos. Para concorrer ao processo de consulta, não é necessário que o interessado se apresente como candidato, basta apenas que seu nome conste da referida lista. Para tanto, ele tem que estar na carreira docente, possuir título de doutor, ter no mínimo 35 anos de idade e estar

exercendo o magistério na universidade há no mínimo cinco anos. Preenchidos esses requisitos, o professor terá que obter, na prévia, no mínimo 5% do total dos votos ponderados válidos (excluídos os brancos e nulos). Obtido esse limite mínimo de votos, o professor indicado deverá apresentar requerimento de inscrição, acompanhado de seu programa de trabalho e dez nomes que deverão compor a sua equipe. Ao incluir esse pré-requisito, o Conselho Universitário quer que o candidato revele antes das eleições que linha de trabalho irá adotar e com quem trabalhará, caso seja eleito.

Ponderação

A grande expectativa, mais uma vez, era com o resultado da votação do artigo que tratava da ponderação dos votos. O Vice-Reitor Administrativo, Alípio Casali, solicitou aos conselheiros que se comesse a discussão e vota-

ção pelo artigo 10º, que tratava desta questão. Os conselheiros aceitaram, e a Vice-Reitora Acadêmica, Ana Cintra, — que presidia a reunião, porque o Reitor, Luiz Eduardo Wanderley, estava ausente por motivo de saúde — deu início às discussões. O professor Marcelo Dami disse que, mantendo decisão do Centro de Matemática, votaria contra a paridade, pois considerava que esse critério desvaloriza o voto do professor. “Com esse critério, o voto do funcionário fica valendo mais que o do professor. E isso não condiz com a história da universidade. Além disso, o Grão-Chanceler foi claro em sua declaração, manifestando-se pela preponderância do voto do professor”, afirmou ele. Contraopondo-se a esta posição, o professor Antônio Carlos Ronca, representante docente do Centro de Educação, disse que os professores desse Centro manifestaram-se a favor da paridade, ape-

sar de se fazer necessária uma revisão neste critério. “Isto porque a participação nos órgãos colegiados foi praticamente nula. Mas, acredito que ela deve ser feita em outro momento. Neste momento, ela deve ser mantida”, afirmou Ronca.

A professora Leila Bárbara justificou por que votaria contra a paridade: “O setor de Pós-Graduação ressaltou a importância da representação de todos, mas acredita que deva haver uma preponderância do voto do professor. Isto porque exige-se deste um maior preparo científico e intelectual para que possa ingressar na Universidade. Então é justo que ele tenha um valor equivalente à sua responsabilidade”.

O professor Pedro Cunha afirmou que o Centro de Jurídicas também era pela preponderância do voto do professor.

Crítérios

Depois de muito debaterem a questão, os conselheiros procederam à votação. Cinco votaram pela manutenção da paridade (Paulo Rezende, Jefferson Ildelfonso, José Queiroz, José Nagamine e Antônio Ronca), enquanto três votaram contra (Marcelo Dami, Leila Bárbara e Pedro Cunha). Passou-se, então, à discussão de qual forma de ponderação paritária adotar. Para o professor Américo de Paula, não havia outra forma senão 1/3, 1/3 e 1/3, já que só esta contemplava o que acabara de ser votado. A funcionária Cristiane Almeida, ex-conselheira do Consun, solicitou a palavra por três minutos para manifestar-se pela forma paritária. Declarou ela: “Já que os conselheiros aqui presentes votaram pela paridade, a única forma que garante isso é 1/3 para cada segmento”. Como a outra proposta apresentada (1/3 para alunos e 2/3 para funcionários e professores que nesse caso votariam juntos) foi retirada, passou-se à votação da forma de 1/3 para todos os segmentos. Apenas o professor Marcelo Dami votou contra.

Há 40 anos a SBPC promove a Ciência

Uma entidade que sempre teve como tradição defender a democracia e desenvolver a pesquisa científica no Brasil, a SBPC é mais conhecida por suas reuniões anuais, mas o seu trabalho compreende várias atividades.

A SBPC — Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, fundada em 1948 em São Paulo, é uma sociedade científica sem fins lucrativos, cujo objetivo principal é congrega pessoas interessadas em organizar formas de apoio e divulgação à produção científica e tecnológica no país.

Para tanto, a SBPC promove, durante todo o ano, um conjunto de atividades que incluem desde ciclos de conferências e simpósios e reuniões científicas de caráter regional, até participações em eventos internacionais.

Nas atividades voltadas à população em geral, há a preocupação de difundir a informação científica com uma linguagem acessível a esse público. Aqui em São Paulo esse projeto é o "Ciência ao Meio-Dia", realizado na Biblioteca Mário de Andrade.

As Reuniões Regionais da SBPC, iniciadas em 1984, têm como objetivo reunir pesquisadores e o público em geral para discutir, basicamente, questões relacionadas à região em que o evento ocorre. Inicialmente, eram feitas uma vez por ano e hoje acontecem duas vezes.

A nível internacional, a SBPC também atua no desenvolvimento científico, participando de seminários e palestras, além de publicar, frequentemente, trabalhos no exterior.

A SBPC é responsável, ainda, pela publicação de duas revistas — "Ciência e Cultura" e "Ciência Hoje" — e pela produção de um programa de rádio, o "Tome Ciência", que vai ao ar pela Rádio USP — FM.

Os Recursos

Para desenvolver todos os seus projetos, a SBPC conta com re-

ursos financeiros vindos da taxa anual paga pelos seus sócios, do apoio de agências financiadoras e do patrocínio de empresas estatais ou privadas.

Segundo Marco Antônio Bruno, Diretor Executivo da Entidade, apesar das dificuldades financeiras os projetos prosseguem, pois não são atividades caras. Ele explica que os pesquisadores, ao participarem de qualquer atividade, o fazem gratuitamente. "As únicas despesas são com passagens, estadias em hotéis e com possíveis impressos que sejam feitos", diz Bruno.

40ª Reunião

A SBPC promoverá de 10 a 16 de julho, na Universidade de São Paulo, a sua 40ª Reunião Anual.

Essas, são reuniões de caráter nacional, das quais participam cientistas, professores e estudantes, em discussões em torno de pesquisas científicas e da relação dessas pesquisas com as questões econômicas e sociais do país.

Cerca de 70 sociedades e entidades científicas participarão da programação, que é totalmente aberta ao público e será constituída de simpósios, mesas redondas, conferências, cursos, entre outras atividades.

A reunião deste ano, para a qual se espera uma participação de cerca de 15 mil pessoas, terá como tema central "Universidade e produção científica". A entrada é franca e as pessoas que se interessarem em adquirir os resumos dos trabalhos científicos apresentados pagarão uma taxa de 2,5 OTNs para sócios e 3 OTNs para os não-sócios.

Aqueles que pretendem utilizar o serviço de alojamento durante a reunião deverão fazer inscrições a partir do dia 9 de julho, na Faculdade de Engenharia Civil da USP. O preço é de 1,5 OTN e inclui café da manhã.

Debate discute drogas

Apenas os defensores da descriminalização das drogas compareceram ao debate do último dia 13, promovido pelo C.A. 22 de Agosto. Apesar de terem confirmado a presença, o delegado-chefe do Deic, Cláudio Gobetti, o Secretário da Justiça, Mário Sérgio Duarte Garcia e a promotora pública Luiza Nagib Eluf, de tendências conservadoras, não apareceram.

Os únicos conferencistas presentes foram o professor de direito da PUC, Alberto Toron, que falou sobre os problemas jurídicos da atual lei, e o advogado criminalista, Luis Bueno de Aguiar, coordenador do Grupo de Justiça do PT, que se ateve à história da proibição das drogas e à situação atual. Para o professor Toronto, existe uma certa distorção, na opinião pública, "que associa o consumo de drogas, mesmo leves como a maconha, à violência, apesar da realidade mostrar que o álcool é pior e não é proibido".

A lei que está hoje em vigor trata da mesma forma os traficantes e os consumidores, assim como também são enquadrados no mesmo artigo aqueles que possuem um pé de maconha em casa e os donos de plantações em fazendas. "Não é justo tratar igualmente os desiguais", afirmou Toronto, apontando a necessidade de correção da lei.

Causa da proibição

Para Luis Bueno, "como não existem conclusões médicas que



Ronaldo Entler

afirmem que a maconha faça mal à saúde, as explicações para a proibição estão em um outro aspecto: "As drogas eram permitidas antigamente, mas após a Segunda Guerra Mundial, houve a proibição generalizada. Isso aconteceu porque os soldados norte-americanos tiveram contato com drogas, durante a guerra, e voltaram para o país neuróticos e dependentes. Mas é lógico que não foi por causa das drogas e sim pelas atrocidades da guerra. O problema de hoje é que os EUA não conseguem mais combater as causas do tráfico mundial, além do que os traficantes em muitos casos têm mais poder que o governo dos seus países, e decidiram atacar os

efeitos", afirmou Bueno, exemplificando essa tática norte-americana com os 120 milhões de dólares "que foram recebidos pelo Brasil, para o combate às drogas. Segundo ele, "o comércio de drogas rende 200 bilhões de dólares por ano, 1/3 do orçamento do Pentágono".

Embora a proibição do uso de drogas como a maconha seja aceita com naturalidade pelos brasileiros, as gerações mais velhas talvez, tenham comprado a "Cannabis Sativa" em farmácias, "pois era usada como calmante ou para aliviar a dor de barriga dos recém nascidos", disse Bueno, para surpresa da maioria das sessenta pessoas presentes.

Pesquisa mostra desinteresse de alunos

A PUC não é mais aquela. Os estudantes de hoje não participam de movimentos estudantis, preferindo não faltar às aulas de ginástica a participar de alguma reunião na Universidade. Essas foram as conclusões de cinco alunas do quinto ano de Pedagogia que, para sustentar a hipótese, fizeram uma pesquisa entre os estudantes. Dos sessenta questionários devolvidos, em cem, entregues no último dia 6, apenas 36 pessoas acertaram o nome do atual reitor, sendo que grande parte acredita que o viceadministrativo, Alípio Casali, é quem ocupa o cargo.

Em relação à paridade das próximas eleições para Reitoria, que somente 38% souberam precisar a data, apenas três questionários continham a possibilidade de diminuição do peso dos votos dos alunos, em relação às últimas eleições.

Em outras perguntas, que abordavam temas gerais, a desinformação também foi percebida; cinco pessoas não sabiam que o

presidente da Assembléia Constituinte é o deputado Ulisses Guimarães.

Elitização da PUC

Apesar do caráter não-científico da pesquisa — que não levou em conta fatores sócio-econômicos, culturais etc, pois a escolha dos entrevistados foi aleatória —, os resultados obtidos mostram a dificuldade em debater o futuro

da PUC. Um ano após a realização de um plebiscito sobre a estadualização ou publicização da Universidade, os alunos ainda se mostram ignorantes a respeito das implicações de uma virtual mudança. Isso foi constatado em uma das sete perguntas do questionário, sobre o significado de uma universidade estatal. A maioria respondeu apenas que estatal era sinônimo de não-paga.

Expediente

Professores Jornalistas:
Laurindo Lalo Leal Filho (reg. Mtb. 12.100 — Mat. Sind. 300) — Valdir Mengardo (Mtb 12.347 — Mat. Sind. 6.707)
Redação
Editora: Elizabeth Lorenzotti (reg. Mtb. 10.716 — Mat. Sind. 4.183)
Repórteres: Agostinho L.G. Teixeira, Demétrius Paparounis, J. Judiciano G. Cavalcante, Maria Cecília de A. Sodré.
Fotografia: Ronaldo Entler
Diagramação: Marcelo Araújo de Azevedo
Publicidade: Roberto Coelho Barreiro Filho (reg. Mtb. 3.038 — Mat. Sind. 12.596)
Produção: Sonia Regina Pinto de Souza
Porã duba circula quinzenalmente com distribuição gratuita e é editado sob a responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Rua Monte Alegre, 984, São Paulo, CEP 05014, tel. 263-0211, r.227 ou 864-1012
Porã duba em tupi: notícia

Ronaldo Entler



Em palestra realizada no último dia 14, o jurista Miguel Reale afirmou que a nova Constituição representa "uma valiosa contribuição" ao poder judiciário. Elo-

giou, entre outras coisas, o caráter descentralizador do novo texto, que proporcionará uma agilização no julgamento dos casos.

CASTELINHO LAVA RÁPIDO

Sob nova direção, de dois lapeanos, para atender a Lapa e adjacências
Lavagem simples, completa, com motor, carpete, teto, estofamento, pulverização com óleo de mamona e óleo diesel, polimento, enceramento e troca de óleo. Venha ver e comprove!

RUA CATÃO, 1069 - FONE 872-9123.

POUCAS



BOAS

Instituto Programa de Bolsa-Estágio

Em resolução assinada no último dia 17, a Reitoria instituiu o Programa Bolsa-Estágio/PUC, regido pela Política de Estágios aprovada pelo Cepe em outubro de 1987 e homologada pelo Consun em março de 88.

O Programa será coordenado pela Coordenadoria Geral de Estágios, sob a supervisão da Vice-Reitoria Acadêmica, e responderá pela inscrição, contratação e controle de estágios, bem como pelo processo de solicitação de estágios pelos vários setores da Universidade.

A aprovação dos programas e o processo de supervisão e avaliação das atividades serão de competência das unidades acadêmicas.

Nomeações

O professor Eduardo Rodrigues da Cruz foi nomeado Vice-Diretor Comunitário do Centro de Ciências Matemáticas, Físicas e Tecnológicas e o professor Antonio Martini é o novo Vice-Diretor Comunitário do Centro de Ciências Médicas e Biológicas.

Matrículas no Pós

São os seguintes os prazos para matrículas no segundo semestre, do Programa de Pós-graduação que serão realizados em julho: dias 4 e 5, alunos dos programas de Ciências Sociais (M/D), Ciências da Religião, Distúrbios da Comunicação, Supervisão e Currículo; dias 6 e 7, Psicologia Clínica (M/D), Psicologia Social (M/D) e História; 11 e 12, Educação: Filosofia da Educação (M/D), Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (M/D), Otorrinolaringologia, Ciências Contábeis e Atuariais; 13 e 14, Serviço Social (M/D), Economia, Administração, Comunicação e Semiótica; 18 e 19, Psicologia da Educação (M/D), Filosofia, Língua Portuguesa (M/D), Supervisão e Currículo; 20 e 21, Direito (M/D).

A Secretaria de Pós atende de segunda a sexta-feira, das 8 às 17 e das 18h30 às 21 hs, aos sábados, das 8 às 12hs.

A Escrita está de volta



Uma das últimas sobreviventes do boom da imprensa alternativa nos anos 70, retorna às bancas a revista literária Escrita, com a mesma proposta dos primeiros tempos: a veiculação dos textos de jovens contistas, poetas e ensaístas, ao lado dos grandes autores nacionais e estrangeiros de todos os tempos. A revista, dirigida por Wladyr Nader (professor de Edição do Curso de Jornalismo da PUC, período noturno), inclui reportagens, crítica literária e noticiário sobre o mundo dos livros. Criada em 1975, a Escrita revelou ao público (48% de seus leitores estão na faixa dos 19 aos 25 anos) autores como Domingos Pellegrini Jr., Márcia Denser, Sílvio Fiorani, Hamilton Trevisan e Antônio Torres.

Seu concurso permanente de contos, poemas e ensaios recebe todo o mês trabalhos de no máximo 500 linhas de 70 toques cada. O prêmio aos vencedores é uma assinatura da revista. O preço do exemplar é Cz\$ 250,00. A Escrita fica no Largo do Arouche, 396, 4º andar, sala 44, fone: 223-3584, CEP 01219.

Matrículas para Educação Física

A Coordenadoria de Educação Física informa os prazos para matrículas em seus cursos no segundo semestre. Para os cursos normais, será até 30 de junho. Nos optativos (natação, tai chi chuan, capoeira, etc), a rematrícula já se encerrou dia 20. O trancamento, inscrições e dispensas de disciplinas deve ser efetuado no protocolo central, de 1 a 5 de agosto.

A PUC oferece equipes de treinamento, que representarão a Universidade em vários eventos, nas modalidades de futebol de campo, voleibol e basquetebol, tanto masculino como feminino. As inscrições devem ser feitas na sala 16 do Prédio Velho, das 9 às 12 hs e das 14 às 22 hs.

Instituto de Linguística Aplicada 88

O Programa de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas-Lael, ligado ao Programa de Pós da PUC, estará organizando, de 3 de julho a 6 de agosto próximos, um Instituto de Linguística Aplicada, oferecendo cursos intensivos de Pós-Graduação, grupos de pesquisa e conferências plenárias com debates em torno do tema "Aquisição e Aprendizagem Linguística". Serão aulas de 2 a 3 horas por semana. O programa é o seguinte: Línguas em contato e universais da aquisição em linguagem, prof. Derek Bickerton, Universidade do Havaí; Abordagem Fenomenológica da Pesquisa, prof. Amedeo Giorgi, Instituto Saybrooke, EUA; Teorias de Aprendizagem de Línguas Estrangeiras e Planejamento de Programas de Ensino, prof. Luiz Paulo da Moite Lopes, UFRJ; Aquisição de Leitura e Redação em Língua Materna, profs. Marilda Couto Cavalcanti, Unicamp e Mara Soffia Zanotto de Paschoal, PUCSP; Aprendizagem de Língua Estrangeira Centrada no Aluno, profs. Henri Holec, CRAPEL, Univ.

Nancy França e Maria José Coracini, PUCSP; Português Instrumental: Leitura e Redação do Texto Acadêmico, profs. Maria Cecília Perez de Souza e Silva e Maria José Coracini, PUCSP; A perspectiva Sócio-Interacionista, prof. Cláudia Lemos, Unicamp; Pesquisa em Aquisição de Segunda Língua, profs. Jurgen Meisel, Univ. Hamburgo e Maria Antonieta A. Celani, PUCSP; Pesquisa em Leitura e Redação em Segunda Língua, profs. Andrew Cohen, Univ. Hebraica, Israel e Anasuya Pal, PUCSP; Pesquisa e Ensino em Inglês Instrumental, profs. Michel Scott e John Holmes, PUCSP/Conselho Britânico; Aspectos Psicolinguísticos e Sociolinguísticos da Alfabetização, profs. Fernando Tarallo, Unicamp e Mary A. Kato, PUCSP/Unicamp.

Para maiores informações e solicitação de formulários, procurar o Instituto de Linguística Aplicada 1988, profa dra. Mary Aizawa Kato, Departamento de Linguística.

Conheça o

CREDIÁRIO SARAIVA

LIVROS UNIVERSITÁRIOS

agora em até **4** pagamentos

SEM JUROS E SEM ACRÉSCIMO

livraria SARAIVA

A mais completa da história

LOJAS E PONTOS DE VENDA:

- CENTRO - Rua José Bonifácio, 203
Rua São Bento, 196
Praça da Se. 423
- HIGIENÓPOLIS - Rua Maria Antonia, 328
- OMEC - Av. Candido Xavier Almeida Souza, 200
Mogi das Cruzes Fone: 469 0481

- BRAZ CUBAS DIREITO - Rua Francisco Franco, 133
Mogi das Cruzes
- BRAZ CUBAS CAMPUS - Av. Francisco Rodrigues Filho, 1233
Mogi das Cruzes
- PUC - Rua Ministro de Godoy, 1029
Fone: 872-2763 Direto
- OSASCO - Faculdade de Direito - Rua Narciso Sturlini, 883
- ITU - Faculdade de Direito - Av. Tiradentes s.n.
- SÃO JUDAS - Rua Taquari, 546 - Mooca
- FMU I - Rua Tagua, 150 - Fone: 279 3711
- FMU II - Av. Liberdade, 654

ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

MATRÍCULAS ABERTAS



CENTRO BRITÂNICO

CURSO DE INGLÊS

Para crianças, adolescentes e adultos. Preparação p/Cambridge e conversação

Rua Ministro Godoy, 956 — fone 62-2984 — Perdizes — SP EM FRENTE DA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Ganhe 20% Desc. na apresentação deste!

Utopia e Desejo, a reconstrução da efervescência

O debate cultural de 68 em questão

“ Você precisa saber da piscina, da margarina, da gasolina/Você precisa saber de mim/Baby, baby, há quanto tempo...”, e “Caminhando e cantando e seguindo a canção/Somos todos iguais, braços dados ou não...”. Diante dos aplausos do público, Tom Zé pegou o violão e trouxe para a década de 80 um pouco do clima dos anos 60.

Foi com muita irreverência que o período cultural de Maio de 68 ressurgiu no debate realizado no último sábado (11) dando continuidade ao curso de Extensão Universitária promovido pelo Cacs, sobre o tema: “A Efervescência Cultural”, tendo como participantes José Mário Ortiz, do Departamento de Antropologia da PUC, Tom Zé (músico, cantor e compositor) e Zé Celso Martinez Correia (teatrólogo).

Assuntos como cinema, música, teatro foram postos em cena de uma maneira informal, sem deixar de lado a seriedade com que fatos marcantes compuseram, num determinado momento histórico, a cena mais geral da cultura brasileira. Segundo José Mário Ortiz, “o período dos anos 60 coloca uma questão fundamental que é a oposição razão x droga, razão x sonho, razão x êxtase”. E para onde vai tudo isto? “A modernização do país e o processo político geraram um caldo de cultura que teve sua explosão em 68”, disse ele.

Desejo e Utopia

No debate falou-se num desejo de mudança, na utopia e num processo dilacerante; um período rico, muito produtivo e também difícil para quem o vivenciou. De acordo com José Mário Ortiz, “no cinema a ruptura e o dilaceramento estão condensados em dois filmes: ‘Terra em Transe’, de Glauber Rocha e o ‘Bandido da Luz Vermelha’, de Rogério Sganzerla. Nestes dois filmes estão a projeção, a condensação de um clima, de um desejo de mudança e rompimento”, continua José Mário.

Qual o conteúdo cinematográfico desta época? José Má-

rio diz que “esses filmes revelam dentro da sua linguagem dilacerada a barbárie moderna, iniciam o movimento de transformação do Cinema Novo. Filmes que mesclam o urbano com trilhas musicais, desde boleros com a 5ª Sinfonia de Beethoven até a guitarra de Jimmy Hendrix... E o que aconteceu após 20 anos? Nos anos 70 e 80 sem a catalisação das mudanças, esses movimentos acabaram se diluindo, deixando a herança da efervescência caracterizadora dos anos 60”, concluiu José Mário.

O Teatro da Modernidade

Sinal da cruz. Perna apoiada sobre a mesa. Os sapatos de borracha no chão. Tom Zé pega o microfone e conta uma estória: “não consegui acom-

panhar o ginásio, era considerado uma pessoa perdida, não conseguia nada. Estava desiludido com a escola, com os símbolos. O diabo do discurso é uma perdição”. Da escola Tom Zé passou para a bossa nova fazendo uma comparação com a ponte Rio-Niterói, “Aqui o Rio de Janeiro, ali Niterói e vemos a folha do mar entre estas duas coisas tão grandes. Coisa delicada a bossa nova. Em 68 aquilo era feminino da mesma forma que a engenharia produziu uma coisa delicada, sincopada no contratempo das plataformas flutuantes”.

Depois do músico, levanta-se o teatrólogo, tira a malha, coloca a camisa para fora da calça. Perna em cima da mesa e as mãos tocando as pernas no ritmo de um instrumento musical. Pára e recomeça. O

público: “Não vai falar? Conta do Teatro Oficina”, e em coro: “1, 2, 3, 4, 5...”. O autor passando as mãos pelas pernas, pára e recomeça novamente.

“Estamos esperando,” clama o público. Zé Celso pega o microfone. A platéia em altos sons: “Chega!” “É que estes vinte anos que nos separam estão aqui, talvez muito mais”, ressaltou Zé Celso. Continuando, “O silêncio dos corpos juntos. Porque na retórica sobre 68 é impossível falar em 68. Trazer o entusiasmo, a efervescência vem de uma sensação intensa...”.

É desta forma que o instante, ou melhor, os fragmentos de uma década, são recolocados de uma forma visual e sensorial para os presentes. Para Zé Celso “68 gira em torno do tempo; momento em que a hu-

manidade é capaz de acordar e dizer: Sim, estou aqui”. Falou muito na sensação do momento, do aqui e agora dizendo que, “se conseguirmos sentir isto entramos em contato com a humanidade”, afirmou.

Sobe na mesa, sua fala já não é discursiva e sim plenamente teatral. “Naquele momento você podia tudo, o delírio da utopia, da revolução e isto aconteceu no mundo todo”, disse ele. Mas o mais importante da discussão foi a questão do presente. Ainda conforme Zé Celso, “é no amor, na sexualidade que você é capaz de receber cada poro, cada suspiro e você tem acesso a um presente absoluto onde se gera, se cria e fertiliza”.

De Rumor ao Novo

A discussão em torno de 68 mostrou que naquela época houve um encontro entre a música, o teatro, a literatura, enfim de tudo. “Nós trocávamos idéias. Houve uma coincidência de uma série de manifestações em todas as áreas. O tropicalismo como um movimento político; a arte como uma política em si”. E hoje o que aconteceu com o movimento artístico? Segundo os debatedores, “o Brasil vive hoje sob uma ditadura econômica, militar, sexual e parlamentar. São muitas as ditaduras e tem os que estão em todos os poderes e os que não estão em nenhum”. No entender de Zé Celso, “o que acontece é uma coisa monolítica, um só tipo de som, de política, de arte, enfim não há o prazer de se viver na base do aqui e agora”.

Ao levar o público a bater palmas, a cantar, a intenção dos debatedores foi em determinados momentos criar um certo impacto, fazer com que as pessoas opinassem, mas principalmente fazer com que os jovens busquem novas alternativas para mudar o que está aí. Mas como reverter este quadro? A resposta de Zé Celso é de “novamente subverter, retomar a utopia. Deve-se estabelecer a força de solidariedade que vem do desejo, o ser maluco, pervertido, pois é nisto que está o poder, a potência de cada um...”.



Fotos de Ronaldo Entler

O debate, que se apresentou de forma quase teatral, contou com a participação de (na foto ao lado) Zé Mario (ao fundo), Zé Celso (em pé) e Tomzê.

